



VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

A APRENDIZAGEM DO INFINITIVO
PESSOAL POR ALUNOS
HISPANOFALANTES

Autora: Susana Maria Brandão da Silva Gregório

Tutora: María Rocío Alonso Rey

Salamanca, 2019



VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

A APRENDIZAGEM DO INFINITIVO
PESSOAL POR ALUNOS
HISPANOFALANTES

Autora: Susana Maria Brandão da Silva Gregório

Firma

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'S. Brandão'.

Tutora: María Rocío Alonso Rey

VºBº

Firma

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'M. Rocío Alonso Rey'.

Resumo

Neste trabalho averigua-se se os alunos hispanofalantes usam o infinitivo conjugado português, se o usam corretamente e por que outras formas verbais o substituem. Foi levada a cabo uma análise quantitativa dos dados, que procedem de um teste realizado por um grupo de doze alunos hispanofalantes, estudantes do nível B2.2 de português na Escola Oficial de Idiomas de Salamanca. O teste pôs à prova os usos do infinitivo pessoal selecionados na primeira parte deste trabalho. Parte-se da hipótese de que o uso desta forma verbal acarreta dificuldades a estes estudantes, visto ser o que afirmam outros estudos sobre a aquisição e o uso do infinitivo flexionado. No entanto, os resultados obtidos parecem contradizer a hipótese de partida, uma vez que se verificou que a percentagem global de erro é muito baixa.

PALAVRAS-CHAVE:

Infinitivo pessoal, Hispanofalantes, Aprendizagem, Aquisição, Uso.

Resumen

En este trabajo se averigua si los alumnos hispanohablantes usan el infinitivo conjugado portugués, si lo usan correctamente y por qué otras formas verbales lo sustituyen. Se llevó a cabo un análisis cuantitativo de los datos, que proceden de un test realizado por un grupo de doce alumnos hispanohablantes, estudiantes del nivel B2.2 de portugués en la Escuela Oficial de Idiomas de Salamanca. El test puso a prueba los usos del infinitivo conjugado seleccionados en la primera parte de este trabajo. Se parte de la hipótesis de que el uso de esta forma verbal acarrea dificultades a estos estudiantes, ya que esto es lo que afirman otros estudios sobre la adquisición y el uso del infinitivo flexionado. Sin embargo, los resultados obtenidos parecen contradecir la hipótesis de partida, puesto que se ha verificado que el porcentaje global de error es muy bajo.

PALABRAS-CLAVE:

Infinitivo conjugado, Hispanohablantes, Aprendizaje, Adquisición, Uso.

Índice

Introdução	5
Capítulo 1: Infinitivo Pessoal – Descrição, Uso e Aprendizagem por Hispanofalantes	6
1. Descrição e Uso	7
2. A Aprendizagem do Infinitivo Pessoal por Hispanofalantes	13
Capítulo 2: Metodologia	15
1. Metodologia	16
Capítulo 3: Análise dos dados	19
1. Resultados	20
2. Discussão	24
Capítulo 4: Conclusões	26
Conclusões	27
Bibliografia	29
Anexos	31
Anexo 1: Tabela completa com a percentagem de erro por exercício e a média global	32
Anexo 2: Tabela completa com os resultados do exercício 1	33
Anexo 3: Tabela completa com os resultados do exercício 2	34
Anexo 4: Tabela completa com os resultados do exercício 3	35

Introdução

O infinitivo pessoal é uma forma verbal da gramática da língua portuguesa, cujo uso é facultativo, mas muito frequente e é, por isso, fundamental ensiná-la aos estudantes estrangeiros. Trata-se de um aspeto controverso, tendo em conta que não existem regras fixas para o seu uso e que os gramáticos não estão de acordo relativamente às mesmas. De facto, o infinitivo pessoal é uma das áreas mais críticas da língua portuguesa e é um aspeto complexo no ensino do idioma a hispanofalantes, uma vez que não existe em espanhol e que carece de normas de uso obrigatórias.

Na primeira parte deste trabalho é feita uma descrição desta forma verbal, dos usos e interdições referidos pelos gramáticos. Seguidamente, são revisados os estudos existentes sobre a aprendizagem do infinitivo pessoal. A afirmação principal desses trabalhos é que o uso do infinitivo flexionado acarreta dificuldades para os alunos hispanofalantes e é justamente essa hipótese que é testada neste trabalho. No segundo capítulo descreve-se a metodologia, referindo-se que o objetivo deste trabalho é averiguar se os alunos hispanofalantes usam o infinitivo conjugado, se o usam corretamente e por que outras formas verbais o substituem. Explica-se igualmente que para atingir este objetivo vai ser levada a cabo uma análise quantitativa dos dados, que procedem de um teste realizado por um grupo de doze alunos hispanofalantes, estudantes do nível B2.2 de português na Escola Oficial de Idiomas de Salamanca. É feita uma descrição dos exercícios do teste e dos seus objetivos específicos, os quais põem à prova os usos do infinitivo pessoal que são selecionados na primeira parte deste trabalho. Refere-se também que a análise dos dados se fará no sentido de apresentar a percentagem da média dos erros de todos os exercícios por separado, bem como da média global. Em seguida, no terceiro capítulo são apresentados e discutidos os resultados da análise quantitativa. Por fim, no último capítulo mencionam-se as conclusões deste trabalho, que se espera que seja uma contribuição positiva para o ensino do infinitivo conjugado a hispanofalantes.

Capítulo 1

Infinitivo Pessoal – Descrição, Uso e Aprendizagem por Hispanofalantes

1. Descrição e Uso

Em língua portuguesa, a par do infinitivo impessoal (forma sem marca de pessoa gramatical e que não explicita o sujeito) existe também o infinitivo pessoal (também chamado infinitivo flexionado ou conjugado), que consiste na possibilidade de existir uma Flexão verbal sem Tempo, mas com Concordância, isto é, apenas com marcas de pessoa e número (Brito, 1995: 21). A gramática tradicional define esta forma da seguinte maneira: “conhece a língua portuguesa o infinitivo pessoal, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se” (Cunha e Cintra, 1984: 481). Esta forma verbal é, portanto, uma maneira de explicitar o sujeito, por oposição à forma impessoal que, ao não possuir flexão, está desprovida dessa função. A sua estrutura formal consiste na agregação de desinências à forma infinitiva, como se pode ver seguidamente:

Eu amar – **Ø**

Tu amar – **es**

Ele/Ela/Você amar – **Ø**

Nós amar –**mos**

Vós amar –**des**

Eles/Elas/Vocês amar –**em**

O uso do infinitivo conjugado é facultativo e é-lhe atribuído um valor estilístico¹, no sentido em que:

- pode ser empregado quando se pretende enfatizar, salientar ou pôr em evidência o sujeito da ação (Bechara, 1997: 282; Cunha e Cintra, 1984: 486; Paschoal Cegalla, 1985: 498; Rocha Lima, 1985: 384; Vazquez Cuesta, 1961: 493; Vázquez Diéguez, 2013: 183), como no exemplo: “**Quererem eles**, infames, desmentir-me!” (Vazquez Cuesta, 1961: 493);

- pode ser empregado como recurso de expressão: para dar harmonia e equilíbrio à frase (Cunha e Cintra, 1984: 486; Paschoal Cegalla, 1985: 498; Vazquez Cuesta, 1961: 493), como

¹ Entendemos por valor estilístico um uso estético, isto é, a utilização de linguagem capaz de sugerir ou rovar emoções, através de certas fórmulas ou efeitos de estilo e através da variação linguística, no intuito de atribuir um sentido estético à frase. Sobre esta forma Cunha e Cintra referem que se trata de “um emprego selectivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática” (1984: 487).

no exemplo: “Venho com os olhos a **faiscarem** de cores.” (J. Geraldo Vieira *apud* Paschoal Cegalla, 1985: 498).

De facto, o emprego desta forma verbal é uma das questões mais complexas e controversas da gramática da língua portuguesa (Cunha e Cintra, 1984: 482; Paschoal Cegalla, 1985: 499; Vázquez Cuesta, 1961: 490), sendo que as regras referidas pelos gramáticos para descrever o seu uso são exíguas (Cunha e Cintra, 1984: 482). Tendo em conta a dificuldade dos estudiosos da língua para apresentar regras fixas e consensuais para o uso do infinitivo conjugado, talvez devêssemos procurar tendências ou linhas de orientação em vez de normas rígidas (Almeida, 1999: 541; Cunha e Cintra, 1984: 482; Rocha Lima, 1985: 380). Com efeito, após a análise bibliográfica, foi possível verificar que os diferentes autores apontam contextos de uso nos quais pode ocorrer o infinitivo flexionado. Essas “pseudorregras” são as seguintes:

1 - O infinitivo pessoal deve ser empregado quando apresenta sujeito exposto (Almeida, 1999: 541; Bechara, 1997: 281; Cunha e Cintra, 1984: 485; Maurer Jr, 1968: 145; Paschoal Cegalla, 1985: 497; Rocha Lima, 1985: 382; Vázquez Cuesta, 1961: 493). Vejamos alguns exemplos:

“Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca ‘ilusão’ alguma.” (Vergílio Ferreira *apud* Cunha e Cintra, 1984: 485)

“Daí resultou **serem** castigados **o António e o José**.” (Vázquez Cuesta, 1961: 493)

“Será melhor **vocês saírem** um pouco mais cedo.” (Maurer Jr, 1968: 146)

2 – O infinitivo pessoal deve ser empregado depois de uma preposição (Almeida, 1999: 544; Paschoal Cegalla, 1985: 497; Vázquez Cuesta, 1961: 494; Vázquez Diéguez 2011: 21). Vejamos alguns exemplos:

“**Para saberes** teu ofício deves praticá-lo.” (Paschoal Cegalla, 1985: 497)

“Pede-se aos senhores passageiros a fineza **de, ao entrarem** ou **saírem, fecharem** as portas do elevador.” (Almeida, 1999: 544)

“Não saíram **por terem** jantado tarde.” (Vázquez Cuesta, 1961: 494)

3 – O infinitivo conjugado deve ser empregado quando, na terceira pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito (Cunha e Cintra, 1984: 486; Maurer Jr, 1968: 148; Vazquez Cuesta, 1961: 493). Vejamos alguns exemplos:

“Vi **fazerem** isto muitas vezes” (Maurer Jr, 1968: 148)

“**Quererem** aparentar aquilo que não são lhes dará péssimo resultado” (Vazquez Cuesta, 1961: 493)

“Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.” (Gilberto Amado *apud* Cunha e Cintra, 1984: 486)

Os casos em que os autores consideram que não se pode usar o infinitivo pessoal são os seguintes:

1 - em locuções verbais² (Almeida, 1999: 547; Bechara, 1997: 280; Cunha e Cintra, 1984: 484; Paschoal Cegalla, 1985: 496; Rocha Lima, 1985: 381 e Vazquez Cuesta, 1961: 490). No entanto, todos apresentam exceções e afirmam inclusivamente ser possível flexionar o infinitivo em locuções verbais se o verbo principal estiver afastado do seu auxiliar.

2 - com verbos causativos e sensitivos (Bechara, 1997: 280; Paschoal Cegalla, 1985: 496; Rocha Lima; 1985: 383 e Vázquez Cuesta, 1961: 495). Neste aspeto não há total consenso entre os gramáticos, visto que:

- Bechara (1997: 280-281) afirma que com os verbos causativos deve utilizar-se o infinitivo sem flexão, e que com os verbos sensitivos o normal é também não flexionar o infinitivo, apesar de poder haver exceções;

- Cunha e Cintra (1984: 484-485) incluem dentro dos verbos auxiliares os verbos causativos e sensitivos, entrando em conflito com todos os outros autores; declaram ser normal não flexionar o infinitivo com estes auxiliares causativos e sensitivos, alegando, contudo, que a forma flexionada também costuma ocorrer quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste;

- Paschoal Cegalla (1985: 496) afirma que não se usa o infinitivo pessoal com verbos causativos e sensitivos;

² Entendemos por locução verbal uma expressão formada de verbo auxiliar e verbo principal, que funciona como se fosse um só verbo.

- Rocha Lima (1985: 383) declara que os verbos causativos e sensitivos podem ser utilizados tanto com a forma flexionada como com a forma não flexionada;

- Vázquez Cuesta (1961: 495) afirma que é possível usar o infinitivo conjugado quando os verbos causativos e sensitivos, utilizados como auxiliares, não concordam com o sujeito do infinitivo; não devemos, no entanto, usar a forma flexionada quando estes verbos concordam com o sujeito do infinitivo.

Desde outra perspectiva, devem destacar-se as conclusões de um estudo recente de Vázquez Diéguez (2011). Neste artigo o autor recorre à história da língua portuguesa a fim de encontrar esclarecimentos sobre o uso do infinitivo conjugado. Nele o autor afirma que, na atualidade, verificamos o uso desta forma nos seguintes contextos: (i) como sujeito em construções copulativas, intransitivas e transitivas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*³, por exemplo: “o pior **era** [o facto de] **serem** pequenos ladrões, ladrões de rio, salteadores de casas” (Eça de Queirós *apud* Vázquez Diéguez, 2011: 22). (ii) Como complemento direto em orações transitivas regidas por verbos tradicionalmente relacionados com a psique humana quando em latim clássico se construíam com uma oração de infinitivo, por exemplo: “**Viu atribuírem-lhe** competências, das quais ele podia jurar que não dispunha: **viu darem-lhe** a paternidade de fatos de grande tática política” (Aluísio Azevedo *apud* Vázquez Diéguez, 2011: 23). (iii) Como complemento direto dos restantes verbos, sendo que o infinitivo pessoal se constrói como predicativo do sujeito numa oração relativa, por exemplo: “A par dos dispersos que **disse serem** [<que eram] a obra de Guilherme” (Fialho de Almeida *apud* Vázquez Diéguez, 2011: 23). (iv) Em qualquer oração circunstancial na qual a conjunção se possa substituir por uma locução preposicional com o mesmo sentido, por exemplo: “Ia acompanhado de alguns vigilantes e escravos, cedidos por seus amos, **sem saberem** [que soubessem] para que efeito” (Mário de Carvalho *apud* Vázquez Diéguez, 2011: 23). O autor acrescenta que se verifica o uso do infinitivo conjugado depois de qualquer construção preposicional na qual se queira enfatizar o sujeito, por exemplo: “Alparecida e Adelaide saíram da igreja a tempo **de verem** [que Alparecida e Adelaide vissem] Alcides e alguns meninos empurrando o Corcel” (José Loureiro *apud* Vázquez Diéguez, 2011: 24).

Contrariamente a todos estes autores, que nos apresentam exemplos de casos em que é possível utilizar o infinitivo conjugado, Eduardo Raposo (1987) vai referir algumas

³ Vázquez Cuesta (1961: 495) também refere este uso, afirmando que se usa o infinitivo conjugado quando o infinitivo substantivado precedido do artigo *o* não expressa uma ação abstrata, referindo-se a um sujeito. A autora apresenta o exemplo: “O irem-se embora já é uma grande coisa” (*ibidem*).

construções em que o uso desta forma verbal não pode de todo ser utilizada. Segundo o autor, as orações de infinitivo pessoal não podem surgir como orações independentes, o que ilustra com o exemplo: “*Eles aprovarem a proposta.” (Raposo, 1987: 86). As mesmas também não podem ser introduzidas pelo complementador *que*, como nos demonstra com o exemplo: “*Será difícil que eles aprovarem a proposta.” (*ibidem*). Do mesmo modo, as orações de infinitivo flexionado não podem surgir em interrogativas subordinadas, pois podemos constatar a agramaticalidade de “*Nós não sabemos quem convidar~~mos~~ para o jantar.” (Raposo, 1987: 103). É de salientar que o autor não refere nenhuma exceção a estas construções em que o uso do infinitivo pessoal se revela impossível. Por conseguinte, esta contribuição de Raposo é, sem dúvida, útil para o ensino desta forma verbal, uma vez que, perante a impossibilidade de apresentar regras fixas para o seu uso, podemos, no entanto, apresentar estes três casos que interditam o uso desta forma.

Assim, após a análise bibliográfica pode concluir-se que o uso do infinitivo conjugado embora seja facultativo, é muito frequente. Se, por vezes, nos deparamos com um uso estilístico para enfatizar o sujeito da ação ou como recurso de expressão, noutros casos há marcas que nos permitem identificar o seu uso. Depois de analisar todas as propostas dos gramáticos, consideramos que os usos estilísticos exigem uma elevada proficiência em língua portuguesa (aproximada à de um falante nativo) para serem utilizados de forma correta. Trata-se de usos que são empregados dependendo do contexto ou da situação, frequentemente intuitivos ou automáticos para um nativo, e que pretendem sugerir uma emoção ou causar algum tipo de impressão no interlocutor/leitor. Por este motivo, supomos que se torne muito difícil para um aprendiz da língua portuguesa usar esta forma nos seus usos estilísticos sem cometer equívocos, isto é, sem produzir um enunciado que provoque estranheza. Deste modo, de entre os principais usos destacados pelos estudiosos ter-se-ão em conta os contextos de uso, tendências ou supostas regras, por serem aqueles que um aprendente pode compreender e utilizar corretamente sem possuir um nível elevado de proficiência, em detrimento do seu emprego estilístico. Conclui-se, portanto:

- que o infinitivo pessoal deve ser empregado (i) quando apresenta sujeito exposto, (ii) depois de uma preposição, e (iii) como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*.
- as orações de infinitivo pessoal não podem surgir (i) como orações independentes, (ii) não podem ser introduzidas pelo complementador *que* e (iii) não podem surgir em interrogativas subordinadas.

Estes seriam os usos e as interdições a ensinar aos estudantes, a fim de poderem servir-se desta forma verbal com correção. Por conseguinte, estes são os casos que vão ser postos à prova no teste, por considerarmos que os aprendentes deverão ser capazes de reconhecê-los. Assim, como conclusão apresentam-se na tabela seguinte os contextos de uso do infinitivo conjugado, de forma a tornar mais claros os seus contextos de emprego.

Pseudorregras	Exemplo	Autores
Quando apresenta sujeito expresso	“Será melhor vocês saírem um pouco mais cedo.” (Maurer Jr, 1968: 146)	Almeida Bechara Cunha e Cintra Maurer Jr Paschoal Cegalla Rocha Lima Vazquez Cuesta
Depois de uma preposição	“ Para saberes teu ofício deves praticá-lo.” (Paschoal Cegalla, 1985: 497)	Almeida Paschoal Cegalla Vazquez Cuesta Vázquez Diégez
Como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma <i>o facto de</i>	“ O irem-se embora já é uma grande coisa” Vázquez Cuesta (1961: 495)	Vázquez Cuesta Vázquez Diégez

2. A aprendizagem do Infinitivo Pessoal por Hispanofalantes

A aprendizagem do infinitivo pessoal por hispanofalantes é um tema que carece ainda de estudo e de análise aprofundada e é uma das áreas mais críticas da língua portuguesa para estes estudantes (Cárdenas, 2004: 421). Neste sentido, durante a fase de pesquisa prévia à realização deste trabalho foram encontrados apenas dois artigos que tratam esta questão, sendo eles:

- “Uma análise de erros no uso do Infinitivo Flexionado e do Conjuntivo em estudantes hispanofalantes que aprendem português”, da autoria de Viola Cárdenas, da Universidade de La Havana. Este artigo consiste num estudo empírico sobre a perspetiva da aquisição desta forma verbal.

- “Reflexiones sobre el infinitivo conjugado portugués desde la perspectiva española” de Ignacio Vázquez Diéguez, da Universidade de Barcelona. Trata-se de um artigo no qual o autor recorre à história da língua portuguesa para explicar o uso desta forma verbal. Este estudo foi levado a cabo a partir de uma perspetiva contrastiva com a língua espanhola, tendo como objetivo último o ensino desta forma a hispanofalantes.

No que diz respeito ao artigo de Vázquez Diéguez, o autor afirma que o infinitivo pessoal se usa nos casos que expusemos no ponto 1 deste capítulo (nas páginas 8 e 9). À semelhança de Cárdenas, Vázquez Diéguez (2011: 9-10) declara que esta forma verbal provoca enormes problemas aos estudantes espanhóis e apresenta duas razões:

- la primera y más evidente por la inexistencia en español de tal tiempo verbal,
- la segunda, derivada de la anterior, porque el uso de ese infinitivo remite directamente a la subordinación (con verbos en indicativo y subjuntivo)

Quanto ao artigo de Cárdenas, este não conta com uma descrição sobre os usos do infinitivo conjugado. A autora revela que com o seu trabalho pretende determinar as dificuldades dos estudantes cubanos na aquisição do infinitivo flexionado e chamar a atenção dos professores para as mesmas, a fim de poder erradicá-las (Cárdenas, 2004: 421).

Nesse sentido, para determinar e analisar os erros mais frequentes a autora parte de um corpus composto por dois testes, nos quais os alunos devem usar o infinitivo pessoal, o infinitivo impessoal ou o conjuntivo. O primeiro teste é “formado por exercícios com frases de complementação mais comuns, fundamentalmente de complementação adjetival, subordinadas finais e de ordenação temporal” (Cárdenas, 2004: 423). O segundo teste é “formado por exercícios com frases mais complexas, nomeadamente frases completivas

como argumento interno de diferentes tipos de verbos, a saber, declarativos, avaliativos de uso factivo, e causativos.” (*ibidem*). Os testes foram aplicados a turmas diferentes, sendo que o primeiro foi realizado por uma turma que estudava português há cinco meses e o segundo por um grupo de alunos que estudava português há mais de um ano (*ibidem*).

De facto, o corpus analisado confirmou que os alunos têm dificuldade em reconhecer e usar o infinitivo conjugado. No entanto, Cárdenas não fornece dados quantitativos. Relativamente aos erros, as formas usadas em substituição do infinitivo conjugado foram (i) frases subordinadas com o modo indicativo ou conjuntivo e (ii) a utilização do infinitivo não flexionado (Cárdenas, 2004: 425).

Em suma, a autora conclui que os seus estudantes cubanos não reconhecem nem usam com facilidade o infinitivo flexionado e explica que isto se deve a três razões: (i) o facto de esta forma verbal ser uma forma marcada da língua portuguesa, o que dificulta a sua aprendizagem; (ii) as interferências da língua materna (nomeadamente o modo conjuntivo, que exprime os mesmos valores semânticos que se transmitiriam com o infinitivo flexionado) e (iii) a escassez de materiais didáticos que realcem as semelhanças e as diferenças entre as duas línguas (Cárdenas, 2004: 427).

Em conclusão, para os autores referidos o uso do infinitivo pessoal por estudantes hispanofalantes é uma área crítica pelas enormes dificuldades que acarreta. Assim, pode atribuir-se essas dificuldades à interferência da língua materna, isto é, à inexistência dessa forma verbal na língua materna dos aprendizes e conclui-se que esta forma verbal é, quando possível, substituída por orações subordinadas com verbos no modo indicativo ou conjuntivo ou pelo infinitivo não flexionado.

Capítulo 2
Metodología

1. Metodologia

O objetivo deste trabalho é averiguar se os alunos hispanofalantes usam o infinitivo pessoal, se o usam corretamente e por que outras formas verbais o substituem, depois de esta forma ter sido objeto de estudo nas aulas.

Parte-se da hipótese de que os aprendizes hispanofalantes têm dificuldade em utilizar o infinitivo flexionado, tendo em conta as afirmações de Vázquez Diéguez (2011) e de Cárdenas (2004).

Neste trabalho vai ser levada a cabo uma análise quantitativa dos dados, tendo em conta a percentagem de erro. Os dados de análise procedem de um teste realizado por um grupo de doze alunos hispanofalantes, com idades compreendidas entre os 23 e os 65 anos, que estudam português na Escola Oficial de Idiomas de Salamanca e se encontram no nível B2.2.

Para atingir o objetivo proposto foi realizado esse teste, através do qual se pretende verificar o emprego das diferentes tendências de uso do infinitivo flexionado por esse grupo de estudantes. O teste consta de três exercícios onde se põem à prova os usos do infinitivo pessoal que foram selecionados na conclusão do ponto 1 do primeiro capítulo, bem como as interdições, a saber:

- o infinitivo pessoal deve ser empregado (i) quando apresenta sujeito exposto, (ii) depois de uma preposição, (iii) como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*.
- as orações de infinitivo pessoal não podem surgir (i) como orações independentes, (ii) não podem ser introduzidas pelo complementador *que* e (iii) não podem surgir em interrogativas subordinadas.

No primeiro exercício o aluno deve completar enunciados com a forma verbal que lhe parecer conveniente, sendo que é indicada entre parênteses a forma do infinitivo do verbo que deve usar. No segundo exercício, o estudante deve completar frases usando as formas verbais que entender, e só lhe é dado o princípio da frase. O terceiro é um exercício de juízos de gramaticalidade, no qual o aprendente deve identificar, de entre um conjunto de frases, quais as que lhe parecem bem formadas e mal formadas. No que diz respeito aos objetivos específicos de cada exercício, deve dizer-se que:

- o primeiro pretende averiguar se o aluno reconhece os contextos de emprego do infinitivo conjugado, bem como se reconhece que não pode usar esta forma depois do complementador *que*;
- o segundo tem como fim comprovar se os aprendentes distinguem entre um contexto de uso do modo conjuntivo ou do infinitivo pessoal e se há preferência pelo uso do infinitivo flexionado ou não flexionado;
- o propósito do terceiro exercício é verificar se os estudantes reconhecem como bem formadas frases em que o infinitivo pessoal é usado corretamente, assim como averiguar se reconhecem como mal formadas frases em que esta forma verbal é utilizada incorretamente, isto é, comprovar se os alunos conhecem todos os usos e interdições desta forma verbal.

Para poder realizar o teste com estes estudantes contactou-se o Professor Helder Ferreira, docente da turma de nível B2.2 na Escola Oficial de Idiomas, que autorizou a realização do teste. Assim, o mesmo foi realizado no dia 15 de maio de 2019 pelos doze alunos presentes.

A análise dos dados far-se-á no sentido de apresentar a percentagem da média dos erros de todos os exercícios por separado, bem como da média global. No primeiro exercício consideram-se como erros os casos em que (i) o estudante não usa o infinitivo pessoal depois de preposições; (ii) não usa esta forma verbal como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*; (iii) usa o infinitivo conjugado depois do complementador *que*; e (iv) usa o infinitivo não flexionado em vez do infinitivo flexionado. No segundo exercício consideram-se como erros os casos em que (i) o aluno usa o infinitivo flexionado depois do complementador *que* e (ii) quando não usa esta forma verbal como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*. No terceiro exercício consideram-se como erros os casos em que (i) os alunos identificam como mal formadas as frases em que o modo conjuntivo se usa depois do complementador *que*; (ii) identificam como bem formadas as frases em que o infinitivo conjugado é utilizado depois do complementador *que*; (iii) identificam como mal formadas as frases em que esta forma verbal é utilizada depois de um sujeito expreso; (iv) identificam como bem formadas as frases em que não é utilizado o infinitivo pessoal depois de um sujeito expreso; (v) identificam como mal formadas as frases em que o infinitivo conjugado é utilizado como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*; (vi) identificam como mal formadas as frases em que o infinitivo pessoal é usado depois de uma preposição; (vii) identificam como mal formadas as orações

independentes em que não se usa o infinitivo pessoal; (viii) identificam como bem formadas as orações independentes onde surge o infinitivo flexionado; (ix) identificam como mal formadas as frases interrogativas subordinadas em que não se utiliza esta forma verbal; (x) identificam como bem formadas as frases interrogativas subordinadas nas quais se utiliza o infinitivo conjugado.

Capítulo 3

Análise dos dados

1. Resultados

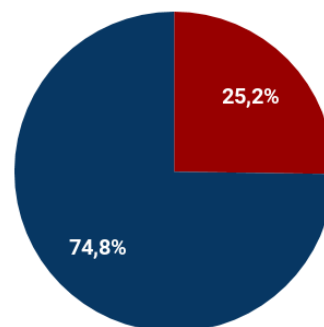
Os resultados obtidos após a análise dos dados são aqui apresentados de forma global e depois por exercício. Apresentam-se os resultados da média global de erro dos três exercícios na seguinte tabela e no gráfico⁴, indicando o número do participante (P). Como se pode constatar, os alunos apresentam uma média global de erro de 25,22%.

	Percentagem de erro	Média global
P1	17,14%	
P2	18,80%	
P3	21,42%	
P4	15,59%	
P5	52,97%	
P6	4,76%	
P7	3,33%	
P8	10%	
P9	39,28%	
P10	42,02%	
P11	10,83%	
P12	66,54%	
		25,22%

Tabela 1: média global de erro dos três exercícios.

Percentagem de erro global

- Percentagem de erro
- Percentagem de acerto



⁴ A tabela completa com os resultados dos três exercícios e a média global de erro encontra-se nos anexos, assim como as tabelas completas com os resultados de cada um dos exercícios.

No exercício 1, como se pode observar, a média global de erro é de 34,16%, sendo este, de entre os três exercícios, aquele que apresenta uma percentagem de erro superior. Apresentam-se os resultados na seguinte tabela e no gráfico:

	Percentagem de erro	Média global
P1	30%	
P2	10%	
P3	50%	
P4	20%	
P5	50%	
P6	0%	
P7	10%	
P8	30%	
P9	50%	
P10	60%	
P11	20%	
P12	80%	
		34,16%

Exercício 1

- Percentagem de erro
- Percentagem de acerto

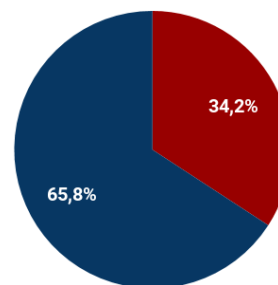


Tabela 2: média global de erro no exercício 1.

No exercício 2, como se pode observar, a média global de erro é de 21,87%, sendo este, de entre os três exercícios, aquele que apresenta uma percentagem de erro intermédia. Apresentam-se os resultados na seguinte tabela e no gráfico:

	Percentagem de erro	Média global
P1	0%	
P2	25%	
P3	0%	
P4	12.5%	
P5	87.5%	
P6	0%	
P7	0%	
P8	0%	
P9	25%	
P10	37.5%	
P11	12.5%	
P12	62.5%	
		21,87%

Exercício 2

- Percentagem de erro
- Percentagem de acerto

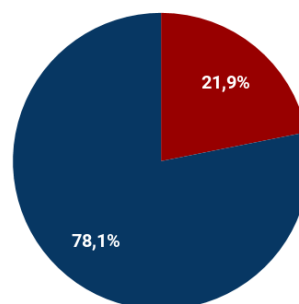


Tabela 3: média global de erro no exercício 2.

No exercício 3, como se pode observar, a média global de erro é de 19,64%, sendo este, de entre os três exercícios, aquele que apresenta uma percentagem de erro inferior. Apresentam-se os resultados na seguinte tabela e no gráfico:

	Percentagem de erro	Média global
P1	21,42%	
P2	21,42%	
P3	14,28%	
P4	14,28%	
P5	21,42%	
P6	14,28%	
P7	0%	
P8	0%	
P9	42,85%	
P10	28,57%	
P11	0%	
P12	57,14%	
		19,64%

Exercício 3

- Percentagem de erro
- Percentagem de acerto

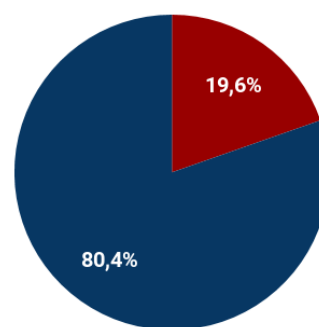


Tabela 4: média global de erro no exercício 3.

2. Discussão

Os resultados obtidos parecem contradizer a hipótese da qual partimos anteriormente, prevendo a dificuldade em utilizar o infinitivo conjugado. Como se pode ver pelos resultados de cada exercício e pela percentagem global de erro (25,2%), o número de acertos foi sempre superior ao número de erros. Não se verifica, portanto, que este grupo tenha dificuldade em utilizar o infinitivo pessoal. Estes resultados parecem contradizer os estudos de Cárdenas (2004) e Vázquez Diéguez (2011) que afirmam que esta forma verbal acarreta dificuldades aos alunos hispanofalantes. Há que salientar, porém, que não apresentam dados quantitativos em nenhum dos seus estudos.

Ao atentar nos resultados dos exercícios verifica-se que o terceiro é o que apresenta uma percentagem de erro inferior (19,64%). Pode explicar-se este resultado pelo facto de se tratar de um exercício de juízos de gramaticalidade, no qual as frases são apresentadas aos estudantes, sem que estes tenham que produzir qualquer enunciado. Pela baixa percentagem de erro pode concluir-se que os aprendizes conhecem, na sua maioria, os usos e as interdições desta forma verbal. Em seguida, o segundo exercício apresenta uma percentagem de erro ligeiramente superior à do último exercício (21,87%), continuando a ser, contudo, uma percentagem muito baixa. Pode explicar-se este resultado satisfatório se se tiver em conta que as palavras dadas no princípio das frases permitiam distinguir um contexto de uso do modo conjuntivo e outro de infinitivo pessoal, pelo que, na maior parte dos casos, os alunos reconheceram esses contextos e completaram a frase corretamente. Deve salientar-se, ainda, que em alguns casos o infinitivo não flexionado foi utilizado em substituição do infinitivo flexionado. Conclui-se, portanto, que os estudantes distinguem os contextos de uso do modo conjuntivo e do infinitivo pessoal, e que, num contexto de emprego desta forma, usam maioritariamente a forma flexionada em detrimento da forma não flexionada. De facto, o primeiro exercício é o que apresenta a percentagem de erro mais elevada (34,16%) de entre os três exercícios do teste. Não deixando de ser uma percentagem baixa, o valor superior aos restantes pode dever-se ao facto de o exercício exigir que os estudantes reconhecessem todos os contextos de uso do infinitivo conjugado, assim como a interdição de usar esta forma depois do complementador *que*. Confrontados com um exercício que exigia que soubessem muito bem os contextos e as interdições de emprego do infinitivo flexionado, os alunos cometeram mais erros, ao não reconhecer essas circunstâncias.

Supõe-se, contudo, que num contexto de produção livre, em que nenhum dado é fornecido e se espera que o aluno utilize esta estrutura (que não existe na sua língua materna), essa dificuldade se manifeste de modo mais evidente. Por outro lado, o nível em que se encontram os alunos do grupo estudado (B2.2) é superior ao do grupo de alunos referido por Cárdenas no seu artigo, sendo que alguns estudavam português há cinco meses e outros há mais de um ano aquando da realização do teste (Cárdenas, 2004: 423). Este fator pode também ter contribuído para que o grau de dificuldade tenha sido menor no grupo de estudantes da Escola Oficial de Idiomas.

Pode concluir-se, portanto, que:

- na maior parte dos casos, estes alunos usam corretamente o infinitivo pessoal (em 74,8% dos casos);
- nos casos em que esta forma verbal não é utilizada corretamente, os aprendentes substituem-na pelo infinitivo não flexionado (em 65,2% dos casos), pelo modo conjuntivo (em 25% dos casos) e pelo modo indicativo (em 8,8% dos casos).

Capítulo 4

Conclusões

Conclusões

Como se pôde constatar ao longo desta exposição, o infinitivo pessoal é uma forma verbal de uso facultativo, porém, muito frequente na língua portuguesa. Segundo os autores consultados, esta forma deve ser usada (i) quando apresenta sujeito expresso, (ii) depois de uma preposição e (iii) como sujeito em construções copulativas nas quais está elidido o sintagma *o facto de*.

Há, de facto, muito poucos estudos sobre a aquisição e o uso desta forma verbal, e os dois escassos artigos que foram encontrados afirmam que o uso do infinitivo conjugado acarreta dificuldades aos alunos hispanofalantes, mas não apresentam quaisquer dados quantitativos. Neste sentido, espera-se que este trabalho tenha sido uma contribuição positiva para esta questão, uma vez que são apresentados e analisados os dados quantitativos do teste levado a cabo com o grupo de alunos em questão. Com efeito, pode constatar-se que este grupo não tem uma especial dificuldade em utilizar esta forma verbal, tendo em conta a baixa percentagem global de erro (25,2%), o que parece contradizer a hipótese inicial que previa a dificuldade em utilizar o infinitivo flexionado.

Não deve esquecer-se, porém, que a amostra dos doze testes analisados é muito pequena e que seria necessário um estudo mais pormenorizado, um tratamento estatístico mais aprofundado e, de preferência, uma amostra maior para poder considerar os resultados representativos.

Deve dizer-se ainda que esta conclusão a que chegamos (o grupo em questão não apresenta dificuldade no uso desta forma verbal), tão diferente do afirmado por Cárdenas (2004) e Vázquez Diéguez (2011), deve-se, muito provavelmente, ao tipo de teste apresentado aos alunos, que não continha nenhum exercício de produção livre. Ao tratar-se de exercícios de completar enunciados, de completar frases a partir do princípio da frase fornecido, e de juízos de gramaticalidade, o estudante tem diante de si os contextos de uso do infinitivo pessoal, tendo apenas de os reconhecer e de identificar as interdições. Como se pôde constatar, nos casos em que o infinitivo conjugado não é utilizado corretamente, é substituído maioritariamente pelo infinitivo não flexionado (em 65,2% dos casos), seguindo-se o modo conjuntivo (em 25% dos casos) e o modo indicativo (em 8,8% dos casos). Em futuras investigações seria interessante analisar em que contextos específicos os aprendentes recorrem a estas formas verbais para substituir o infinitivo pessoal, no intuito de averiguar se há padrões ou tendências.

Em suma, pode concluir-se que (i) os resultados parecem contradizer a hipótese de partida, e que (ii) seria necessário verificar se o nível e o tipo de teste influem na percentagem de erro para termos uma visão mais precisa da dificuldade que este aspeto gramatical representa para os hispanofalantes.

Bibliografia

Almeida, N. M., 1999, *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva.

Bechara, E., 1997, *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Brito, A. M., 1995, “Algumas propriedades sintáticas do Português no quadro das línguas românicas: Sujeito Nulo, Infinitivo Flexionado e Clíticos Nominativos”. Lusorama. Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa, Frankfurt am Main: Editora TFM, pp. 17-27.

Cárdenas, V., 2004, “Uma análise de erros no uso do Infinitivo Flexionado e do Conjuntivo em estudantes hispanofalantes que aprendem português”. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2004-34.pdf>, acessado a 16/04/2019, pp. 421-430.

Cunha, C., Cintra, L., 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Maurer Jr, T. H., 1968, *O infinito flexionado português. Estudo histórico-descritivo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Paschoal Cegalla, D., 1985, *Novíssima Gramática*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Raposo, E., 1987, “Case Theory and Infl-to-Comp: the Inflected Infinitive in European Portuguese”. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4178525?seq=1#page_scan_tab_contents, acessado a 16/04/2019, pp. 85-109.

Rocha Lima, 1985, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Vázquez Cuesta, P., Mendes da Luz, M. A., 1961, *Gramática Portuguesa*. Madrid: Editorial Gredos.

Vázquez Diéguez, I., 2011, “Reflexiones sobre el infinitivo conjugado portugués desde la perspectiva española”. Disponible en: [file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-ReflexionesSobreElInfinitivoConjugadoPortuguesDesd-3696707%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-ReflexionesSobreElInfinitivoConjugadoPortuguesDesd-3696707%20(1).pdf), accedido a 16/04/2019, pp. 9-26.

Vázquez Diéguez, I., 2013, “Estructuras sintácticas construidas con infinitivo. Semejanzas y diferencias entre español y portugués”. Disponible en: [file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-estructurasSintacticasConstruidasConInfinitivoSeme-4710415%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-estructurasSintacticasConstruidasConInfinitivoSeme-4710415%20(1).pdf), accedido a 15/04/2019, pp. 181-215.

Anexos

Anexo 1

Tabela completa com a percentagem de erro por exercício e a média global:

	Exercício 1	Exercício 2	Exercício 3	Percentagem de erro
P1	30	0	21,42	17,14 %
P2	10	25	21,42	18,80 %
P3	50	0	14,28	21,42 %
P4	20	12,5	14,28	15,59 %
P5	50	87,5	21,42	52,97 %
P6	0	0	14,28	4,76 %
P7	10	0	0	3,33 %
P8	30	0	0	10 %
P9	50	25	42,85	39,28 %
P10	60	37,5	28,57	42,02 %
P11	20	12,5	0	10,83 %
P12	80	62,5	57,14	66,54 %
Percentagem de erro	34,16 %	21,87 %	19,64 %	
Média global				25,22 %

Anexo 2

Tabela completa com os resultados do exercício 1:

	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.7	1.8	1.9	1.10	Percentagem de erro
P1	0	0	0	0	0	100	0	100	0	100	30
P2	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0	10
P3	0	100	0	0	100	100	0	100	100	0	50
P4	0	0	0	0	100	0	0	100	0	0	20
P5	0	0	100	100	100	100	0	0	0	100	50
P6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
P7	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10
P8	0	0	0	0	0	100	0	100	100	0	30
P9	100	0	100	100	0	0	100	0	0	100	50
P10	100	100	0	100	100	100	100	0	0	0	60
P11	0	0	0	0	100	0	0	100	0	0	20
P12	100	0	100	100	100	100	0	100	100	100	80
Percentagem de erro	33,33	16,66	25	33,33	50	50	16,66	58,33	25	33,33	
Média global											34,16 %

Anexo 3

Tabela completa com os resultados do exercício 2:

	2.1a	2.1b	2.2a	2.2b	2.3 ^a	2.3b	2.4 ^a	2.4b	Percentagem de erro
P1	0	0	0	0	0	0	0	0	0 %
P2	100	0	0	0	0	0	100	0	25 %
P3	0	0	0	0	0	0	0	0	0 %
P4	0	0	0	0	0	0	0	100	12,5 %
P5	100	100	100	100	0	100	100	100	87,5 %
P6	0	0	0	0	0	0	0	0	0 %
P7	0	0	0	0	0	0	0	0	0 %
P8	0	0	0	0	0	0	0	0	0 %
P9	0	0	0	0	0	100	100	0	25 %
P10	0	100	0	0	0	100	0	100	37,5 %
P11	100	0	0	0	0	0	0	0	12,5 %
P12	100	0	100	100	0	100	0	100	62,5 %
Percentagem de erro	33,33%	16,66%	16,66%	16,66%	0%	33,33%	25%	33,33%	
Média global									21,87 %

Anexo 4

Tabela completa com os resultados do exercício 3:

	3.1a	3.1b	3.1c	3.1d	3.1e	3.2a	3.2b	3.2c	3.2d	3.2e	3.3a	3.3b	3.3c	3.3d	Percentagem de erro
P1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	100	21,42
P2	0	0	100	0	0	0	100	0	0	0	0	0	0	100	21,42
P3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	100	14,28
P4	0	0	0	100	0	0	0	0	100	0	0	0	0	0	14,28
P5	0	0	100	100	0	0	0	0	100	0	0	0	0	0	21,42
P6	0	0	0	0	0	0	100	100	0	0	0	0	0	0	14,28
P7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
P9	100	100	0	0	0	100	100	0	0	0	0	0	100	100	42,85
P10	100	0	0	100	100	100	0	0	0	0	0	0	0	0	28,57
P11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
P12	0	0	100	100	100	100	100	100	100	100	0	0	0	0	57,14
Percentagem de erro	25	8,33	25	33,33	16,66	25	33,33	16,66	25	8,33	0	0	25	33,33	
Média global															19,64 %